

Fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos da construção modalizadora com *ficar de + infinitivo*¹

Semantic sociointeractional and cognitive factors in instances of the modal construction with *ficar de + infinitive*

Edvaldo Balduino Bispo*

edbbispo@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Líneker Trajano dos Santos**

linekertrajano@live.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste artigo, discutimos aspectos funcionais da construção modalizadora com *ficar de + infinitivo*. O objetivo é analisar fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos implicados nas instâncias dessa construção. Para tanto, ancoramo-nos nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, conjugados aos da Gramática de Construções. O banco de dados é composto de ocorrências retiradas do site *Reclame Aqui*. Quanto aos fatores semânticos, os achados da pesquisa revelam não haver restrição quanto aos tipos de verbo recrutados para ocupar o *slot infinitivo* da construção e seu uso está ligado às noções de modalidade em seus aspectos deontico e/ou epistêmico. No tocante aos aspectos sociointeracionais e cognitivos, observamos que os usos de *ficar de + infinitivo* se relacionam a questões de (inter)subjetividade, negociação de sentidos e a projeções metafóricas e metonímicas.

PALAVRAS-CHAVE: Construção modalizadora. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.

ABSTRACT: In this paper, we discuss functional aspects of the Modal construction with *ficar de + infinitive*. We aim to analyze semantic, sociointeractional and cognitive factors in instances of that construction. The theoretical support is the Usage-Based Functional Linguistics and the Construction Grammar. Our database is instances taken from the website *Reclame Aqui*. Regarding to semantics, the research findings reveal that there is no constraint in the type of verb gathered to fill in the *infinitive* slot of the construction and its use is related to the notions of modality in its deontic and or epistemic aspects. Regarding to sociointeractional and cognitive aspects, we also observed that the instances of use of *ficar de + infinitive* are related to (inter)subjectivity, meaning negotiation and metaphorical and metonymic processes.

KEYWORDS: Modal Construction. Usage-based Functional Linguistics. Construction Grammar.

¹ Este texto representa desdobramento da pesquisa de Santos (2017).

* Professor Associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem.

** Doutorando em Estudos da Linguagem, área de concentração Estudos em Linguística Teórica e Descritiva.

Introdução

O verbo *ficar*, há algum tempo, tem sido objeto de interesse de alguns estudiosos, sejam gramáticos ou linguistas. Entre os gramáticos, a referência a *ficar* seguido de um verbo pleno circunscreve-se, via de regra, à indicação do valor aspectual por ele codificado, a exemplo do que encontramos em Neves (2000), Mateus *et al.* (2003) e Castilho (2012). Quanto a linguistas, além da aspectualidade, outros fatores são considerados. Herculano de Carvalho (1984), por exemplo, investigou o comportamento de *ficar* como verbo pleno e como auxiliar, no português europeu, com atenção a questões relacionadas à aspectualidade. Lehmann (2008) ocupou-se da trajetória de auxiliarização do verbo *ficar*, ou seja, sua passagem de verbo lexical a (verbo) auxiliar, em um processo de variação e de mudança linguística. Palomanes (2002, 2007), por sua vez, discutiu a expansão de sentido de *ficar* e as construções resultativas em que ele ocorre.

Neste artigo, diferentemente dos trabalhos a que tivemos acesso sobre o verbo *ficar*, voltamo-nos para o uso desse elemento no bloco *ficar de + infinitivo*, em que há expressão de modalidade, conforme atestado por Santos (2017) e ilustrado em (1) e (2).

- (1) “Fiz a compra e não recebi. A Banggood ficou de me reembolsar depois do reclame aqui e nada do meu reembolso!” (Disponível em: < [https://www.reclameaqui.com.br/banggood/fiz-a-compra-e-nao-recebi-a-banggood-ficou-de-me-reembolsar-depois-do-recl TXDKF_-7rI8PjKFW/](https://www.reclameaqui.com.br/banggood/fiz-a-compra-e-nao-recebi-a-banggood-ficou-de-me-reembolsar-depois-do-recl-TXDKF_-7rI8PjKFW/)>. Acesso em: 27 abr. 2019)
- (2) “Comprei no dia 25/03/2014 uma petição com o Dr. (Editado pelo Reclame AQUÍ), paguei, enviei o comprovante e este Sr. ficou de me enviar o material em 48 horas e para minha decepção até hoje não recebi e o mesmo não atende os telefones e não respondi email, acho que entrei numa furada.” (Disponível em: < https://www.reclameaqui.com.br/modelos-de-iniciais/compra-de-material-paga-e-nao-enviada-dr-editado-pelo-reclame-aqui_8532973/>. Acesso em: 27 abr. 2019)

Nesses dados, *ficar* ocorre em uma estrutura oracional na qual é precedido de sujeito e seguido da preposição *de* + infinitivo. Em (1), o usuário do site faz uma cobrança à Banggood com base num compromisso supostamente assumido pela empresa (o reembolso) após uma reclamação junto ao *site*. Em (2), da mesma forma, o reclamante cobra um item que, segundo ele, foi-lhe prometido por um profissional e faz isso a partir do emprego de “ficou de me enviar”. Em ambos os casos, o uso de *ficar de + infinitivo* está associado à atribuição de compromisso.

Considerando existir uma construção que licencia as instâncias de *ficar de + infinitivo*, objetivamos analisar aspectos semânticos, sociointeracionais e cognitivos implicados nas instanciações dessa construção em dados da língua em uso. De modo mais específico, pretendemos (i) caracterizar semanticamente os verbos que figuram no *slot* infinitivo; (ii) verificar valores modais vinculados ao emprego de *ficar de + infinitivo*; (iii) explicitar a atuação de processos sociointeracionais nas ocorrências da construção sob enfoque; (iv) discutir aspectos cognitivos envolvidos nessas ocorrências. Nossa hipótese geral é que essa construção vincula-se à modalidade deôntica, está relacionada a processos subjetivos e intersubjetivos e implica a atuação de projeções metonímicas.

Para tanto, fundamentamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso, tal qual caracterizado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), conjugando contribuições da Gramática de Construções, defendida, entre outros, por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Langacker (2008), Traugott e Trousdale (2013).

O banco de dados do trabalho é formado por 100 ocorrências retiradas do site *Reclame Aqui*². Esse site reúne reclamações de seus usuários contra empresas, prestadores de serviço etc., e permite que eles tenham acesso às reclamações publicadas por outros usuários, bem como a informações de *ranking* e reputação das empresas cadastradas.

O artigo divide-se em quatro seções, além da introdução e das palavras finais. Na primeira delas, apresentamos as bases teóricas que sustentam a discussão aqui empreendida; na segunda, explicitamos aspectos metodológicos; na seção 3, discutimos fatores semânticos e interacionais implicados nos usos de *ficar de + infinitivo*; em seguida, tratamos da atuação de processos cognitivos subjacentes às instâncias dessa construção; e, por último, fazemos as considerações finais.

1 Enquadre teórico

Conforme expresso anteriormente, esta pesquisa assenta-se teórico-metodologicamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU), denominação cunhada pelo grupo de estudos *Discurso & Gramática*. Representa desdobramento do que Martelotta (2011) chamou de Linguística Centrada no Uso,

² Disponível em www.reclameaqui.com.br

em correspondência a *Usage-Based Linguistics/Theory* (BYBEE, 2010) ou *Functional-Cognitive Approach* (TOMASELLO, 1998).

Para essa abordagem teórica, os usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados com base na interface linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico. A inter-relação dessas três dimensões motiva a fixação de padrões gramaticais, via rotinização, a partir de ambientes interacionais específicos (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013). Nessa perspectiva, a linguagem é compreendida como um “um complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais estreitamente integrado a outros aspectos da psicologia humana” (TOMASELLO, 1998, p. ix). A língua, como parte desse mosaico, é vista como um código parcialmente arbitrário, dada sua adaptabilidade às demandas comunicativas e cognitivas dos falantes. Trata-se de um “sistema adaptativo complexo” (DU BOIS, 1985; BYBEE, 2010). Dito de outro modo, a língua é um “objeto maleável”, uma vez que se sujeita às pressões do uso e à atuação de processos cognitivos de domínio geral. Deriva dessa abordagem funcionalista uma concepção de gramática como conjunto de padrões linguísticos regulares aberto, fortemente suscetível e intensamente afetado pelo uso (MARTELOTTA, 2011).

Estudos embasados na LFCU têm utilizado muito frequentemente formulações da Gramática de Construções (GC), para a qual a unidade básica da língua é a construção. *Construção* é entendida como um par de forma com função semântica ou discursiva associada, que varia em constituição (de esquemática a parcialmente esquemática até totalmente especificada), tamanho, forma e complexidade, e é organizada em uma rede de nós interconectados (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008).

Croft (2001) estabelece que, em uma construção, estão associadas duas dimensões: a da forma e a do significado (função), estando as duas interligadas por elo de correspondência simbólica, o que implica certa arbitrariedade³. O autor atribui ao polo da forma as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas e ao polo da função as propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas. Neste artigo, damos especial atenção a estas três últimas propriedades, já que nosso intuito é discutir aspectos relativos à função da construção com *ficar de + infinitivo*.

³ Para uma discussão sobre a natureza arbitrária da construção, ver Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

Em termos de propriedades semânticas, consideramos a classificação dos verbos que ocorrem no *slot* infinitivo com base na proposta de Scheibman (2000), sintetizada no quadro a seguir.

Quadro 1: Classificação dos verbos por tipo semântico

Tipo de verbo	Descrição/exemplo
Cognição	Atividade cognitiva: <i>saber, pensar, lembrar, decorar</i>
Corporal	Gestos e intenções corporais: <i>comer, beber, dormir, fumar</i>
Existencial	Existência, acontecimento: <i>ser, estar, ter, acontecer</i>
Sentimento	Emoção, desejo: <i>querer, desejar, sentir, necessitar</i>
Material	Feitos e acontecimentos, concretos e abstratos: <i>fazer, ir, ensinar, trabalhar, usar, brincar</i>
Percepção	Percepção, atenção: <i>olhar, ver, ouvir, encontrar</i>
Possessivo/ relacional	Posse (<i>x</i> tem/possui <i>y</i>): <i>ter, possuir</i>
Relacional	Processo de ser (<i>x</i> é <i>y</i>): <i>ser, tornar-se</i>
Verbal	<i>Dicendi</i> : <i>dizer, falar, perguntar</i>

Adaptado de Scheibman (2000, p. 67)

Também levamos em conta para a análise aqui empreendida a modalização, em seus aspectos deôntico e epistêmico.

Para autores como Fleischman (1982), Sweetser (1990), Givón (2001) e Traugott e Dasher (2005), a modalidade está relacionada ao ponto de vista do falante quanto ao que diz. A modalização seria, assim, um fenômeno da linguagem que expressa um julgamento do falante sobre o conteúdo proposicional. Nessa direção, esse conceito liga-se estreitamente aos processos sociointeracionais discutidos a seguir, tendo em vista que a modalização envolve o que está além do enunciado (o que é dito), compreendendo a relação estabelecida entre o enunciador e aquilo que é proferido.

Segundo Traugott e Dasher (2005), a modalização epistêmica ocorre quando o falante expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição. Essa avaliação pode ser evidenciada pelo falante por meio de marcas linguísticas ou a partir da responsabilização dele próprio em relação à origem da informação.

Já a modalização deôntica indica que o falante considera o conteúdo da proposição como algo que deve ou precisa ocorrer obrigatoriamente, conforme Castilho e Castilho (1993). Desse modo, ela se relaciona a valores de permissão,

obrigação e volição e, por isso, inscreve, no enunciado, a noção de obrigação e necessidade de um ato ou ação acontecer.

No que diz respeito a processos cognitivos, consideramos aqui projeções metafóricas e, principalmente, metonímicas, além da *perspectivação conceptual*⁴ (LANGACKER, 1987, 1991; TALMY, 2000) nas ocorrências de *ficar de + infinitivo*. As projeções metafóricas e metonímias, cuja importância reside no intercâmbio de significação comunicativa, caracterizam-se, respectivamente, como casos de operações entre domínios conceituais e como contiguidade entre elementos do mesmo domínio, ambas imprescindíveis no processamento mental.

Lakoff e Johnson (1999) assinalam que, nas metáforas comuns do uso cotidiano, diferentemente das metáforas consideradas como "figuras de estilo", ocorrem mapeamentos entre domínios conceituais, em que determinadas noções de um domínio são projetadas em outro. Ou seja, um conceito é formulado em termos de outro pelo fato de compartilharem alguma(s) correspondência(s) conceitual(is).

Em relação à metonímia, Lakoff e Turner (1989) afirmam que ela constitui um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual. Em outras palavras, trata-se de um processo cognitivo por meio do qual se consegue chegar a uma entidade conceitual a partir de outra de mesmo domínio.

Para Taylor (1992, p. 123-124), metonímia tem a ver com o estabelecimento de "conexões entre entidades que coocorrem numa dada estrutura conceitual."⁵ Nesse sentido, não há a necessidade (ou limitação) de as entidades envolvidas estarem contíguas, em qualquer sentido espacial; não se restringe, ainda, a um mero ato de substituição referencial.

Os vários tipos de metonímia (metonímias conceituais) baseiam-se em relações de contiguidade (não apenas no sentido espacial, mas também temporal, causal ou conceptual), tradicionalmente designadas por "continente pelo conteúdo", "causa pelo efeito", "instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada", "matéria pelo objeto fabricado dessa matéria", "parte pelo todo" etc. e o inverso de algumas destas relações. Esses e outros tipos resultam, por vezes, de relações de contiguidade entre esquemas imagéticos, como, por exemplo, "parte-

⁴ Tradução do inglês *construal* (SILVA, 2008).

⁵ "[...] the essence of metonymy resides in the possibility of establishing connections between entities which co-occur within a given conceptual structure."

todo", "percurso-lugar", "origem-percurso-destino", "em massa-múltiplo" (SILVA, 1997).

A perspectivação conceptual está relacionada à maneira como o falante conceptualiza uma determinada cena ou um estado de coisas e tem a ver com a posição a partir da qual a situação como um todo é observada. Compreende categorias como *ponto de vista*, *escopo*, *dêixis* e *objetividade/subjetividade*.

De acordo com Croft (2012), em uma mesma situação comunicativa, há múltiplas perspectivações conceptuais, e o falante é quem decide, a partir do contexto, a sua formulação. Esse processo, no entanto, serve aos objetivos dos interlocutores e, ainda segundo o autor, um mesmo item lexical (ou construção, neste caso) são limitados por convenções culturais da comunidade de fala em que o falante esteja inserido.

O exame das condições da produção linguística deve considerar, dentre outras coisas, as intenções e expectativas dos participantes em um evento de fala, o contexto discursivo, a fim de evidenciar o que está subjacente ao processo de interação verbal, aos fenômenos interacionais (leituras de intenção, intencionalidade compartilhada (TOMASELLO et al., 2005), implicaturas conversacionais) e às condições de produção do discurso. Assim, discutimos também a atuação de processos sociointeracionais, a exemplo da subjetividade, da intersubjetividade e da inferência pragmática.

Qualquer evento comunicativo envolve ao menos dois participantes, o que implica um "eu" e um "você" (BENVENISTE, 1971 [1958]; LYONS, 1994 *apud* TRAUGOTT, 2010). Para que esse evento seja bem-sucedido, é preciso que se levem em conta as necessidades comunicativas dos participantes, suas intenções, expectativas, além das condições de produção.

Nessa direção, para Traugott e Dasher (2005), a subjetividade compreende uma atitude pela qual os falantes tendem a demonstrar e codificar suas perspectivas e ideias advindas das trocas interacionais. Ainda segundo eles, a subjetividade é uma das principais motivações para a mudança semântica e se verifica em nível de discurso, através das escolhas linguísticas que o falante faz na interação comunicativa as quais sinalizam objetivos discursivos específicos. Assim, a subjetividade representa o papel do falante/escritor na interação, através da expressão de sua atitude, para fins de modalização, de evidencialidade ou de argumentação, por exemplo.

Já a intersubjetividade está relacionada à consideração do “outro” na codificação como participante da interação. Envolve a expressão da atitude do falante em relação ao ouvinte, estratégias de negociação de sentido, de preservação da face, de monitoramento de ações e reações, de aproximação/distanciamento entre os parceiros no processo comunicativo (SCHIFFRIN, 1990; TRAUGOTT; DASHER, 2005; BISPO; SILVA, 2013; BISPO; CARVALHO, 2015).

A relevância desses processos para a compreensão da construção aqui investigada é crucial, dado que, ao se valer de *ficar de + infinitivo*, o falante manifesta seu ponto de vista sobre determinada situação ao mesmo tempo em que envolve seu(s) interlocutor(es), cobrando-lhes uma atitude/ação. Conta, para isso, com o engajamento desse(s) interlocutor(es) no jogo comunicativo. Aqui entra em cena outro fator de ordem interacional: a inferência sugerida (*invited inference*), conforme discutida por Traugott e Dasher (2005) e Traugott (2010, 2012). Refere-se ao processo intersubjetivo em que o falante, ao empregar uma dada expressão linguística, conta com a colaboração do ouvinte para apreender o significado pretendido. Assim, o falante, ao empregar instâncias de *ficar de + infinitivo*, conta com a colaboração do ouvinte no sentido de compreender o sentido pretendido (de compromisso, de cobrança), deduzido a partir do cotexto linguístico imediato e do contexto de interação.

A inferência sugerida está relacionada às necessidades comunicativas dos falantes e motiva a criação de novos pares de forma-sentido, à medida que os atos comunicativos realizados exigem a interpretação de um determinado elemento linguístico de modo diferente do comum. Esse novo uso pode acarretar convencionalização e rotinização, de modo que essa associação passa por uma reanálise⁶ estrutural e/ou semântica.

2 Questões metodológicas

Esta pesquisa é de natureza predominantemente qualitativo-interpretativista. Está voltada à explicação do fenômeno linguístico investigado sob variados matizes

⁶ A reanálise consiste na reinterpretação de uma estrutura morfossintática à qual se atribui um novo uso e/ou novo significado. É o que acontece, por exemplo, com *um monte de X*, em que *monte* perde o valor referencial e passa a designar quantidade, conforme estes casos: *um monte de Portugal*, segmentável como [UM MONTE] + [DE PORTUGAL], com referência a um acidente geográfico português; *um monte de atividades*, cuja segmentação é reinterpretada como [UM MONTE DE] + [ATIVIDADES], designando muitas atividades.

(semântico, sociointeracional e cognitivo), considerando a interseção e a relação dialógica entre eles.

O banco de dados utilizado, conforme dito na introdução, compõe-se de 100 ocorrências da construção com *ficar de* + infinitivo retiradas do site *Reclame Aqui*. Parte dessas ocorrências é fruto da pesquisa de Santos (2017). As demais foram obtidas durante levantamento realizado nos meses de abril e maio de 2019.

A escolha do site se deu em função do conteúdo nele veiculado, do tipo de propósito comunicativo das postagens publicadas (reclamações, reivindicações, cobranças etc.), o que favoreceu fortemente as instâncias da construção em estudo. A opção também se deveu ao fato de o site representar um espaço autêntico de interlocução, com retrato do português brasileiro contemporâneo em uso.

O levantamento de dados foi feito por meio do site de busca *Google*⁷, a partir do qual foram identificadas as ocorrências da construção. Como procedimento de busca, foram consideradas as diferentes flexões do verbo *ficar* e tomadas em conta as dez primeiras ocorrências na *web* para cada flexão.

Quanto ao tratamento dos dados, procedemos a um levantamento quantitativo dos verbos em relação à tipologia semântica e aos valores modais das instâncias da construção em foco. Para os demais fatores, realizamos uma análise qualitativa, considerando a acepção semântica de *ficar*, questões subjetivas e intersubjetivas, processos de negociação de sentidos, além da atuação de projeções metafóricas e, sobretudo, metonímicas.

3 Aspectos semânticos e sociointeracionais de *ficar de* + infinitivo

Nas instâncias de *ficar de* + infinitivo, o verbo *ficar* não apresenta sua acepção básica de permanência em determinado lugar ou estado/condição, conforme discutido em Santos (2017). Nessas situações, esse verbo adquire novo sentido, passando a compor, com a preposição *de* mais o infinitivo, um todo de forma e sentido, com semântica associada à ideia de compromisso. Constitui-se, portanto, uma *construção* nos termos de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013).

⁷ www.google.com.br

Dada a relação de *ficar* com os demais elementos da construção, um fator considerado para fins de análise diz respeito à natureza semântica dos verbos que ocupam o *slot* de infinitivo. Para tanto, identificamos todos os verbos da amostra utilizada (44 no total) e os agrupamos por tipo semântico, conforme a proposta de Scheibman (2000). Os dados revelam não haver restrição aparente em relação a esse quesito, de sorte que todos os tipos semânticos de verbo foram encontrados. A Tabela 1 sintetiza o quantitativo do levantamento feito.

Tabela 1: Quantitativo de verbos no *slot* INFINITIVO por tipo semântico

Tipo de verbo	Quantidade	%
Material	19	43,18%
Corporal	10	22,72 %
Percepção	4	9,09%
Verbal (<i>dicendi</i>)	3	6,81%
Cognição	3	6,81%
Possessivo	2	4,54%
Existencial	1	2,27%
Sentimento	1	2,27%
Relacional	1	2.27%
TOTAL	44	100%

Como é possível observar, predominam verbos do tipo *material* e *corporal*. Esse fato pode estar relacionado ao conteúdo do site do qual as ocorrências foram retiradas. Como se trata de um contexto de reclamações (cobranças, reivindicações etc.), a recorrência de verbos ligados a esse campo semântico, ou a essa situação comunicativa, tende a ser maior, como é o caso de *retornar*, *ligar*, *resolver*, *entregar* etc. Vejamos (3) e (4), em que figuram os verbos *usar* e *retornar*, respectivamente.

- (3) “[...] Há três anos ela vem cobrando serviços no meu celular que não contratei. Fiz a reclamação e ficaram de usar o que tinham q me pagar em crédito [...]” (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/tim-celular/esta-embutando-servicos-na-minha-conta_91896410/. Acesso em: 15 abr. 2019);
- (4) “Fiquei de retornar no dia 06/07/2018 as 13:00 para realizar pontuação retroativa e emitir passagens, mas quando retornei foi um criança que atendeu [...]”. (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/tudo-azul/quero-usar-os-pontos-mas-o-site-ta-sempre-com-problemas_jUR5c4GZJkilveye/. Acesso em: 20 mai. 2019).

A ideia de compromisso veiculada pelas instâncias da construção com *ficar de + infinitivo* relaciona-se diretamente à modalidade em seu aspecto deôntico. Tanto em (3) e (4) quanto nos trechos em (5) e (6), observa-se que o falante quer expressar sua insatisfação com a empresa/prestadora de serviço a partir da

reclamação feita no *site*. Para isso, vale-se da construção em foco para asseverar, possivelmente, um comprometimento por parte da empresa para dela cobrar alguma atitude, atribuindo-lhe responsabilidade. Esse comprometimento se relaciona com a modalização deôntica, no sentido de que implica uma obrigação assumida, segundo o reclamante, pela empresa.

(5) “Fui atendido no dia 28 de Setembro pela Dra. Graça (Coloproctologista) na Clínica [...]. Como ela mesmo disse ao fim do atendimento que estava com as consultas atrasadas em quase 3 horas, *ficaria de me enviar* por email na mesma noite a lista de exames que seriam necessários para a minha avaliação [...]”. (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/imeg/falta-de-retorno-e-descaso-como-paciente_p8X1yMoYA59vfYEx/. Acesso em: 15 abr. 2019).

(6) “Empresa *ficou de recorrer* junto ao DETRAN. Contratei a empresa para recorrer junto ao DETRAN paguei e bem caro pra isso resultado perdi minha carta [...]”. (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/licence-solucoes_177832/empresa-ficou-de-recorrer-junto-ao-detran_AIKAjGuV5kII5Cn/. Acesso em: 15 abr. 2019).

Em (5), por exemplo, o autor da reclamação alega que a médica pela qual ele foi atendido deveria ter-lhe enviado um e-mail com a lista de exames necessários para uma avaliação. Para demarcar essa atribuição de comprometimento, o falante utiliza o construto *ficaria de me enviar*.

Além da modalização deôntica, algumas instâncias de uso da construção que estamos investigando permitem conferir valor epistêmico aos contextos em que ocorrem, conforme pode ser exemplificado em (7).

(7) “Contratei um serviço com a toledonet de internet, na minha opinião já faz mais de dois anos, e eu havia feito um pedido para meu sobrinho também e que *ele ficaria de me ajudar* a pagar por mês, então a toledonet aumentou as prestações [...]”. (Disponível em <http://www.reclameaqui.com.br/9864388/toledonet/depois-de-dois-anos-a-toledonet-quer-me-prejudicar/>. Acesso em: 30 dez. 2015).

Nessa amostra, podemos perceber que o uso com *ficar de* + infinitivo veicula, além da ideia de compromisso, uma incerteza quanto ao evento codificado pelo verbo *ajudar*. A noção de possibilidade é marcada pelo tempo verbal (futuro do pretérito), indicando a incerteza quanto à ajuda no pagamento mensal da internet.

O valor aspectual durativo de *ficar* usado no presente do indicativo também parece contribuir para a noção de probabilidade: a ideia de repetição de compromisso sugere que não se sabe quando (ou mesmo se) o evento codificado pelo verbo no infinitivo ocorrerá. É o que podemos perceber nestas ocorrências:

(8) “Desde o final de abril, meu telefone fixo esta mudo e *a Oi só fica de mandar* um

tecnico e nunca resolve.”

(Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/oi-movel-fixo-tv/reparo-nao-efetuado_3hBDkNH6aEsz3DMm/. Acesso em: 15 mai. 2019).

- (9) “[...] Um atendente chamado Daniel me atendeu, e disse que meu e-mail tinha sido cadastrado, que eu receberia um e-mail com dados para poder acessar o fun pack porém até hoje não recebi e-mail nenhum e nem consegui acessar. Tento ligação mas o pessoal fica de dar retorno e não dá. [...]” (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/rci/enganacao_12387977/. Acesso em: 18 abr. 2019).

Nesses casos, além da noção de compromisso, é possível observar que os reclamantes parecem não ter certeza de se os eventos expressos ocorrerão. Sendo assim, dados os valores modais deôntico e epistêmico veiculados pelas instâncias de uso da construção em estudo, classificamos as ocorrências de nosso *corpus* como tendo traços [+deônticos] ou [+epistêmicos]. Em (8) e (9), por exemplo, há, em maior grau, traços deônticos e, em menor grau, traços epistêmicos.

A análise de nossos dados mostrou usos da construção com *ficar de + infinitivo* tanto relacionados ao universo deôntico, como representado por (3) e (6), quanto ligados à modalização epistêmica, por expressar possibilidade, probabilidade ou incerteza relativa à realização dos eventos codificados pelo verbo no infinitivo ((7) e (8), por exemplo). Nessa direção, Givón (2001) e Coates (1995) admitem a existência de uma gradação de significados entre as modalidades deôntica e epistêmica, até mesmo uma sobreposição ou mescla em alguns casos, já que ambos os tipos partilham a modalidade *irrealis* e têm, historicamente, a mesma origem. Isso explica o fato de um mesmo construto, como se dá em alguns casos, poder se relacionar a ambas as modalidades, a depender do co(n)texto de uso e dos propósitos comunicativos envolvidos.

No tocante a esses propósitos, observamos que as instâncias de uso da construção em estudo se relacionam a questões pragmáticas de subjetividade e de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005) em termos de expressar a atitude do falante quanto ao que diz e quanto aos efeitos de sentido que pretende construir e/ou aos propósitos comunicativos que quer alcançar. Consideremos as ocorrências em (8) e (9) e a amostra a seguir:

- (10) “Em 25/08 último estive na loja da Casa Cenário da Av dos Bandeirantes, onde efetuei uma compra. Fiquei de pensar mais fui intimado a fechar no dia para garantir o preço e o produto em estoque.” (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/casa-cenario/poltrona-sem-puff_Ak9GiHeoo_BQnv3n/. Acesso em: 25 abr. 2019).

Nos três casos, é possível perceber a manifestação da subjetividade dos reclamantes, em termos de expressão de seus pontos de vista quanto ao não cumprimento de compromisso da parte reclamada, caso de (8) e (9), e de insegurança em relação à atitude tomada (a compra efetuada), na situação ilustrada em (10). Assim sendo, motivações pragmáticas de viés subjetivo estão implicadas em instâncias de *ficar de + infinitivo*.

Do ponto de vista intersubjetivo, ocorrências dessa construção atendem a alguns propósitos comunicativos voltados para o interlocutor, quais sejam: cobrar uma ação, atribuir comprometimento, persuadir o interlocutor (os leitores do site) a não fazer negócio com determinada empresa ou prestadora de serviço e/ou a não comprar seus produtos/serviços, entre outras. Vejamos os dados:

(11) “[...] Tentei contato diretamente com a Unidade local, e os telefones estão desativados ou ninguém atende. Ficaste de me ligar na data para confirmar o desfecho, e também não recebia sua ligação. Estou bastante preocupada e insatisfeita com o rumo que a questão tomou [...]” (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/lfg/desrespeito-com-o-consumidor_7641801/. Acesso em: 25 abr. 2019).

(12) “[...] Entrei em contato com a concessionária e combinamos um acordo de que: vocês ficariam de fazer a documentação do carro e eu assumiria os reparos no carro [...]” (Disponível em https://www.reclameaqui.com.br/mega-fe-multimarcas/irresponsabilidade-e-falta-de-suporte_OMzGfPmfTIRloq5n/. Acesso em: 30 dez. 2015).

Em (11), com o uso de *ficar de + infinitivo*, o reclamante: i) atribui comprometimento a terceiros, no caso em questão, à empresa (pela pessoa da atendente); ii) cobra uma ação prometida (“ligar na data para confirmar o desfecho”); e, indiretamente, iii) persuade quem lê a notícia a não fazer negócio com essa instituição. Nessa direção, revela-se a intersubjetividade no sentido de serem considerados os interlocutores, tanto a empresa alvo da reclamação, quanto os possíveis leitores do *site*, e as consequências decorrentes da publicação da reclamação. O mesmo acontece na amostra (12), cujo tom incisivo, reforçado pelo uso da construção aqui destacada, instaura uma visão negativa em relação à concessionária, atribuindo-lhe comprometimento, cobrando-lhe uma ação e influenciando os possíveis leitores da reclamação.

Em conjunto com processos (inter)subjetivos atua a inferência sugerida/pragmática, por meio da qual é possível a negociação de sentidos entre os parceiros

da interlocução. Assim é que, no caso de (12), com o uso de *vocês ficariam de fazer o documento do carro*, o reclamante não está simplesmente referindo uma possibilidade aventada; ele está lembrando um acordo firmado, segundo ele, pela concessionária, ao mesmo tempo em que cobra dela o cumprimento desse acordo. Nesse contexto, o reclamante convida o interlocutor a engajar-se no jogo comunicativo, de modo a apreender os sentidos por ele pretendidos (lembrar o compromisso alegadamente assumido e cobrar o cumprimento desse compromisso).

4 Aspectos cognitivos na construção com *ficar de + infinitivo*

Também analisamos a atuação de processos cognitivos implicados nas instâncias da construção aqui investigada, particularmente *perspectivação conceptual* e projeções metafóricas e metonímicas.

Em relação ao primeiro aspecto, nas instâncias de *ficar de + infinitivo*, é possível dizer que os reclamantes, em cada uma das cenas apresentadas, recorreram a essa construção por entenderem que ela daria conta do propósito comunicativo de evidenciar um compromisso firmado em um momento anterior ao da reclamação. Nessa direção, ganha relevo a forma como foi codificada a operação de perspectiva, por intermédio das dêixis ou dos pontos de vista. Atenemos para esta amostra:

- (13) “Recebi sua ligação ontem, em nome da Net serviços. Você me informou que o meu problema estaria resolvido, e que vocês constataram a alteração de plano sem solicitação do cliente. Porém, ficaste de me encaminhar as faturas com os valores corretos, com os valores dos serviços efetivamente contratados.” (Disponível em <http://www.reclameaqui.com.br/7119564/net-servicos-tv-banda-larga-etelefone/cobrancas-indevidas/>. Acesso em: 30 dez. 2015)

Na amostra (13), o cliente usa a forma *ficaste* como foco de sua perspectiva. Essa escolha está relacionada à interlocução criada entre ele e a pessoa que responde pela empresa. No enunciado, há marcas dessa interlocução, como o uso das formas *você, sua, vocês*. O atendente foi, portanto, tomado pela empresa, cuja representação poderia ter sido feita por “*ficou de*” (a Net serviços, a empresa) ou por “*ficaram de*” (vocês; o atendente + a empresa) etc.

A *âncora* (“ground”)⁸, nesse caso, compreende dois interlocutores – o reclamante e o atendente (tomado pela empresa) –, e uma mesma situação comunicativa, em que o primeiro convida o segundo a prestar conjuntamente atenção ao objeto de conceptualização – a reclamação – sob determinada perspectiva, escolhida pelo escrevente. Nesse caso, há um processo metonímico, no qual a empresa é tomada pelo atendente, e cuja representação pode ser a de INSTITUIÇÃO-PESSOA, envolvendo, portanto, contiguidade conceptual. A reclamação é o objeto da conceptualização e o atendente, um dos sujeitos da conceptualização, é, metonimicamente, responsabilizado por isso (em lugar da empresa). Dessa forma, ambos os interlocutores estão envolvidos num processo de coordenação cognitiva, envolvendo atenção conjunta a um mesmo objeto de conceptualização, ao qual têm acesso por meio de um processo metonímico. Esse processo vem responder aos princípios de maximização do sucesso cognitivo e comunicativo (êxito no acesso ao objeto-alvo da interação, a reclamação) e minimização do esforço linguístico, dado o uso de um elemento mais acessível (ser humano, o atendente) por algo menos tangível (a empresa) (SILVA, 2006, 2008).

O recurso à metonímia concorre para o alcance de propósitos comunicativos do falante, no caso, reclamante. Consideremos (16) e (17).

(14) “Produto *ficou de chegar* e não chegou.” (Disponível em www.reclameaqui.com.br/15967675/americanas-com-loja-virtual/produto-ficou-de-chegar-e-nao-chegou/. Acesso em: 30 dez. 2015).

(15) “[...] fui informado que por não ter informações necessárias, não tem como seguir os procedimentos normais, *o item ficou de ser coltado* em 22/10, e que Eu cliente retorne o contato, uma vez que não tem mais o item desejado no estoque [...]” (Disponível em <http://www.reclameaqui.com.br/15048373/magazine-luiza-loja-online/recebi-produto-errado/>. Acesso em: 30 dez. 2015).

Com o intuito de dar ênfase ao objeto da reclamação (atraso da entrega, em (14), e da cotação do item, em (15)) e de atender à sua necessidade comunicativa (reivindicar entrega de produto e cotação de item, respectivamente), o falante salienta o que, para ele, é mais importante, caracterizando mais um caso de perspectivação conceptual. Por essa razão, usa os termos “produto” e “item” em lugar das empresas e/ou dos processos que estão sendo cobrados. Nesse sentido, ocorrem duas projeções metonímicas: a primeira, numa relação PARTE-TODO (o

⁸ Circunstância comunicativa entre participantes de um mesmo evento.

produto/item pela empresa), e a segunda, INSTRUMENTO-AÇÃO, em que o produto é tomado pela entrega; e o item, pela cotação.

Sob o prisma semântico-cognitivo, parece haver, nessas ocorrências, uma atenuação do compromisso atribuído às empresas, tendo em vista que elas não são mencionadas no enunciado. Dessa maneira, são acionadas pelos leitores da reclamação de forma indireta, via metonímia, atendendo a propósitos comunicativos do reclamante.

Do ponto de vista das projeções metafóricas, nas instâncias de uso da construção sob análise, o sentido de *ficar* se afasta da acepção básica de permanência em algum lugar no espaço físico (domínio fonte) para o sentido de comprometimento (domínio alvo), ligado à noção de modalidade deôntica. Tomemos (16) e (17) como exemplos.

(16) “ [...] hoje eu botei um cartaz no portão e fiquei sentado na frente de casa [...]”.
(Disponível em <http://www.reclameaqui.com.br/11489912/transfolha/empresafinge-que-entrega/>. Acesso em: 27 jan. 2017)

(17) “AS CASAS BAHIA ficou de enviar o produto correto e até agora nada! ”
(Disponível em <http://www.reclameaqui.com.br/16216959/casas-bahia-lojavirtual/as-casas-bahia-ficou-de-enviar-o-produto-correto-e-ate-agora/>. Acesso em: 30 dez. 2015).

Em (16), *ficar* é empregado com o sentido de permanência (o redator informa que permaneceu (sentado) em frente de casa). Já em (17), a acepção desse verbo está relacionada à ideia de comprometimento: a empresa (Casas Bahia) teria assumido compromisso em relação ao cliente/reclamante (o de enviar determinado produto). Esse novo sentido envolve a conceitualização de tempo (domínio alvo) em termos de espaço (domínio fonte): *ficar de* relaciona-se à ideia de compromisso assumido em dado momento (tempo) para posterior realização de atividade/tarefa (enviar produto correto, no caso de (17)); já na acepção de permanência em determinado local (16), *ficar* vincula-se à ideia de situar alguém/algo em espaço físico. Podemos representar esse mapeamento por meio da metáfora TEMPO é ESPAÇO.

Na acepção de localização/permanência em um espaço físico, *ficar* está ligado à experiência concreta. Já *ficar de* relaciona-se à deonticidade, ligado às relações interpessoais de assunção de compromisso, de caráter mais abstrato. Essa

mudança semântica por que passa *ficar* implica um enfraquecimento dos sentidos originais e parece decorrer de analogia entre a ideia de permanecer em determinado local com a finalidade de realizar algo e a ideia de comprometimento em fazer algo. É o que pode ser observado em (18).

(18) “[...] a ligação que recebi é que não posso utilizar o saque pelo cartão nos caixas eletrônicos, porque o limite foi reduzido por não ter a biometria, fiquei mais de 30 minutos para cadastrar a biometria na agência e adivinha quanto tempo eu fiquei para tentar sacar algum dinheiro no caixa [...]”. (Disponível em <http://www.reclameaqui.com.br/10276235/banco-itau-s-a/consignadocredito-ouvidoria/>. Acesso em: 19 nov. 2015)

Nessa amostra, há indicação de permanência de alguém em um espaço físico (na agência) com o propósito de realizar determinada atividade (cadastrar a biometria). Conforme postula Santos (2017), do sentido de permanência para fazer/realizar algo pode ser inferida a ideia de compromisso (ficar de cadastrar a biometria, por exemplo), seja assumido pelo enunciador/escrevente, seja atribuído a terceiro(s).

Palavras finais

Neste artigo, examinamos a construção modalizadora com *ficar de + infinitivo*, focalizando suas propriedades funcionais. Consideramos, para tanto, aspectos semânticos, sociointeracionais e cognitivos.

Em termos semânticos, constatamos a diversidade de tipos de verbos que figuram no *slot* de infinitivo, o que revela não haver restrição quanto à natureza semântica dos verbos recrutados para essa posição. Tratamos do valor modal, deôntico e epistêmico, associado às instâncias de uso dessa construção, com o que verificamos a predominância da modalidade deôntica, em decorrência da ideia de compromisso (assumido ou atribuído) a elas vinculada.

No tocante aos aspectos sociointeracionais, demonstramos que às instâncias de *ficar de + infinitivo* estão associadas questões subjetivas, de expressão de pontos de vista, atitudes do falante/escrevente, e intersubjetivas, voltadas ao(s) interlocutor(es), em termos de atribuição de comprometimento a terceiros, cobranças de ações e atitudes e de influência de opinião. Permeando esses fatores, atua a negociação de sentidos, via inferência pragmática.

Por fim, analisamos operações cognitivas subjacentes às ocorrências da construção em tela. Com isso, foi possível observar a atuação de projeções metafóricas e metonímicas, além da perspectivação conceptual.

Os achados da pesquisa corroboram, portanto, nossa hipótese inicial. Mais ainda, mostram valores epistêmicos em associação aos deônticos, além de operações metafóricas implicadas nos construtos de *ficar de + infinitivo*.

Referências

BENVENISTE, E. Subjectivity in language. *In*: MEEK, M. E.; GABLES, C. (trads.) *Problems in General Linguistics*. FL: University of Miami Press, 1971 [1958], p. 223-230.

BISPO, E. B.; CARVALHO, V. G. Sufixos graduadores nominais: aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. *Intersecções* (Jundiaí), v. 17, n. 3, p. 135-157, 2015.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Aspectos (inter)subjetivos no uso de sufixos graduadores nominais. *In*: Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 4, Natal/RN. *Anais...* Natal/RN: EDUFRN, 2013, p. 80-90.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Adjetivos predicativos. *Letras*, v. 5, p. 122-143, 1993.

COATES, J. The expression of root and epistemic possibility in English. *In*: BYBEE, J. L.; FLEISCHMAN, S. (eds.). *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 55-66.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. *Verbs: Aspect and Causal Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. *In*: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, volume especial, p. 55-67, 2016.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1982.

GIVÓN, T. Tense, aspect and modality in functional organization. In: _____. *Syntax – an introduction*. v. 1. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 2001, p. 285-335.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Originally presented as the author thesis (Ph.D.). California: University of California, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford University Press, Oxford 2006.

HERCULANO DE CARVALHO, J. G. Ficar em casa / ficar pálido: gramaticalização e valores aspectuais. In: HERCULANO DE CARVALHO, J. G.; SCHMIDT-RADEFELDT, J. (orgs.). *Estudos de linguística portuguesa*. Coimbra: Coimbra, 1984, p. 57-75.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago/ London: UCP, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. California: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 2: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, C. A. Auxiliarização de ficar: linhas gerais. In: ALMEIDA, M. C; BERND, S.; BERNARDO, A. M. (eds.), *Questions on language change*. Lisboa: Colibri, 2008, p. 9-26.

LYONS, J. Subjecthood and subjectivity. In: YAGUELLO, M. (ed.) *Subjecthood and Subjectivity: The Status of the Subject in Linguistic Theory*. Paris: Ophrys/London: Institut Français du Royaume-Uni, 1994, p. 9-17.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MATEUS, M. H. M. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PALOMANES, R. *A Polissemia do verbo ficar no discurso oral*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

PALOMANES, R. *Construções Gramaticais: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

SANTOS, L. T. dos. *A construção modalizadora [(SUJ) + FICAR DE + INFINITIVO] sob o viés funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). UFRN/PPgEL: Natal (RN), 2017.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. *In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000, p. 61-90.

SCHIFFRIN, D. The management of a co-operative self during argument: The role of opinions and stories. *In: GRIMSHAW, A. D. (ed.). Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 241–259.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCB, p. 59-101, 1997.

SILVA, A. S. da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SILVA, A. S. da. Perspectivação conceptual e gramática. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 12-1, p. 17-44, 2008.

SWEETSER, E. E. Modality. *In: _____. From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structures*. Cambridge University Press, 1990, p. 49-75.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*, v. I: concept structuring systems. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Great Britain: Laredan Paperbacks, 1992.

TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TOMASELLO, M. *et al.* (ed.) *Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition*. Behavioral and Brain Sciences, 28, p. 675-691, 2005.

TRAUGOTT, E. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.), *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 29-70.

TRAUGOTT, E. Intersubjetification and clause periphery. *English Text Constructions*. v. 5 (1), p. 7-28, 2012.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 16/08/2019

Aceito em 14/10/2019